ISSN: 2358-8829

OS DESAFIOS DOS ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA VIVÊNCIA ESCOLAR

Ineuda Pereira de Souza[1]
Joelma Barbosa de Fontes[2]
Joseane Melo de Lira[3]
Maria de Fátima Pessoa de Moura Silva [4]

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados por alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da vivência escolar, bem como compreender estratégias pedagógicas que favoreçam uma aprendizagem significativa. Desta forma, destaca-se a importância do uso de jogos, brincadeiras e atividades lúdicas como recursos pedagógicos que contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional desses estudantes. Sendo assim, tais estratégias podem promover maior motivação para a participação nas atividades escolares, incentivando a frequência, a interação social e a convivência no ambiente escolar. Além disso, ressalta-se o papel fundamental do professor na mediação do processo de ensino e aprendizagem, sendo sua atuação essencial para estimular a participação, a comunicação e a autonomia dos alunos com TEA. A metodologia adotada consiste em uma pesquisa de caráter bibliográfico, baseada na análise de produções acadêmicas, legislações de inclusão e estudos relacionados ao processo educativo de estudantes com autismo. A pesquisa busca apresentar uma reflexão teórica acerca das práticas pedagógicas inclusivas e das estratégias que podem contribuir para a melhoria da aprendizagem desses alunos. Compreende-se que a escola e os docentes desempenham um papel significativo no desenvolvimento escolar e social do estudante com TEA, sendo fundamental a construção de um ambiente acolhedor, inclusivo e articulado com a participação da família. Dessa forma, conclui-se que a utilização de diferentes estratégias pedagógicas, especialmente aquelas que envolvem o lúdico, pode favorecer o processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para uma vivência escolar mais significativa e inclusiva para alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Palavras-chave: Aprendizagem Significativa, Educação Inclusiva, Estratégias Pedagógicas, Ludicidade, Transtorno do Espectro Autista (TEA).

---

[1]Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú -UVA;ineudaineudinha@hotmail.com;
[2]Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú -UVAprofessorajoelma2019@outlok.com
[3]Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba -UFPB; joseanelimoeiro@hotmail.com;
[4]Graduada em Pedagogia Pela Universidade Estadual de Pernambuco-UPE; fatima.p.moura@hotmail.com.

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

Atualmente, os números de crianças com Transtorno do Espectro Autista são grandes e com isso a demanda nas escolas também aumenta. Tendo em vista desse quantitativo de crianças com TEA, a escola e o corpo docente têm que estar preparados para receber esses alunos da melhor forma possível e os professores têm que ter um preparo adequado para oferecer a melhor forma de aprendizagem para cada um deles uma vez que independente do grau de cada criança com Autismo a aprendizagem acontece no tempo de cada um. Sendo assim, o motivo desta pesquisa é fortalecer e preparar os professores com formações adequadas para melhor adaptação desses alunos na sala de aula e ter uma relação que seja significativa com os docentes e os discentes da sua turma e do contexto escolar por completo.

Desse modo, questiona-se: quais práticas pedagógicas o professor pode levar em suas aulas para motivar o aluno com TEA a participar de suas aulas? Contudo, vale lembrar da importância de os docentes utilizarem em suas práticas pedagógicas métodos de inclusão desses alunos nas atividades e nas dinâmicas da rotina escolar. Desta forma, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar as práticas pedagógicas utilizadas pelos docentes na adaptação dos alunos com Transtorno do Espectro Autista. Assim enfatizamos os objetivos específicos que são: analisar os desafios dos alunos com TEA no contexto escolar. E identificar as estratégias que os professores utilizam no foco do aluno com autismo no contexto de sala de aula regular.

Em geral, a pesquisa será estruturada em três seções, sendo a primeira seção a introdução que traz o tema, mostra o motivo da pesquisa, os objetivos que pretende ser alcançado, a fundamentação teórica e a metodologia que será aplicada. na segunda seção tratará do conceito de TEA e dos desafios enfrentados pelos professores no ensino regular, no qual apontará as práticas a serem utilizadas pelos docentes. A terceira seção abordará as estratégias que os professores possam utilizar para facilitar o processo de aprendizagem desses alunos, no qual a rotina é uma das principais estratégias que devem ser seguidas. Em seguida, a pesquisa apresenta como metodologia uma pesquisa bibliográfica para melhor reflexão do leitor. Por fim, as considerações finais, que buscará refletir sobre as mudanças ocorridas em relação a inclusão dos alunos com TEA na sala de aula e no convívio escolar.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

ISSN: 2358-8829

Essa pesquisa busca compreender as vivências dos alunos com autismo no ambiente escolar, entender suas dificuldades na aprendizagem de leitura e escrita. Focamos em criar estratégias para incluir essas crianças da melhor forma possível na sala de aula e ter um bom retorno de aprendizagem e na socialização com alunos e todos que fazem parte da escola. Portanto, discorremos o que é o Autismo, a inclusão de crianças com TEA no âmbito escolar e as estratégias para incluir esses alunos nas atividades do dia a dia junto com os outros colegas da sala de aula. Com isso para uma pesquisa que traga transparência para os leitores através de dados como artigos é apresentada de forma clara e investigativa por compor uma pesquisa bibliográfica de abordagem exploratória. Desta forma foi possível observar o processo de aprendizagem dessas crianças com TEA. Enfatizando como passar um ensino aprendizagem de forma lúdica e criativa tanto para os discentes como para os docentes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Autismo, comunicação, interação social e inclusão no ambiente escolar

De acordo com o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), uma das características relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) refere-se às dificuldades na comunicação e na interação social. No que diz respeito à linguagem, algumas crianças podem apresentar alterações no desenvolvimento da fala e da linguagem expressiva. Em determinados casos, após um período inicial de desenvolvimento considerado esperado, podem ocorrer regressões, com redução do vocabulário, perda de palavras anteriormente adquiridas, utilização de palavras ou expressões de maneira pouco funcional e repetição de termos ou frases. Conforme descrito no DSM-5 (2015, p. 23):

> "Muitas destas crianças podem, após uma fase inicial de normalidade na aquisição da fala, sofrer regressões com redução do vocabulário, perda da fala de palavras anteriormente aprendidas, aparecimento de palavras sem significado e impróprios, repetições de termos sem necessidade e sem função social." (DSM-5, 2015, p. 23).

Nesse sentido, é fundamental compreender que as dificuldades de comunicação apresentadas por algumas pessoas com TEA não devem ser interpretadas como falta de interesse em se comunicar ou como uma escolha pelo isolamento. Cada pessoa autista possui características e necessidades específicas, sendo necessário considerar suas particularidades, formas de comunicação e maneiras de estabelecer relações com o ambiente e com as demais pessoas.

ISSN: 2358-8829

Dessa forma, a família desempenha um papel essencial no desenvolvimento da criança com TEA, especialmente no estímulo à comunicação, à interação e à participação nas atividades cotidianas. O ambiente familiar pode proporcionar experiências que favoreçam a autonomia, a convivência e o desenvolvimento das habilidades sociais. Da mesma maneira, a escola constitui um espaço fundamental para ampliar as possibilidades de interação da criança, contribuindo para sua participação na vida social e para a construção de vínculos com professores e colegas.

No ambiente escolar, é importante que a criança com TEA participe das atividades propostas em sala de aula, respeitando suas características, necessidades e possibilidades. A inclusão não consiste apenas na presença física do estudante na escola, mas também em garantir sua participação efetiva nas atividades e nas relações sociais. Para isso, é necessário que o ambiente escolar seja acolhedor, acessível e organizado de maneira a favorecer a aprendizagem e a interação.

Nesse processo, o professor exerce um papel fundamental. Cabe a ele buscar estratégias pedagógicas que favoreçam a comunicação, a interação social e a participação do estudante com TEA nas diferentes situações de aprendizagem. O educador também deve observar as particularidades de cada criança, respeitando seu ritmo de desenvolvimento e utilizando recursos e metodologias que contribuam para sua aprendizagem e autonomia. A compreensão do autismo também pode ser observada na perspectiva apresentada por Grandin e Scariano (1999), que destacam as diferentes formas pelas quais uma pessoa autista pode perceber e responder aos estímulos do ambiente:

> “O autismo é um distúrbio do desenvolvimento. Uma deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial recebida fazendo a criança reagir a alguns estímulos de maneira excessiva, enquanto a outros reage debilmente. Muitas vezes, a criança se ‘ausenta’ do ambiente que a cerca e das pessoas circunstantes a fim de bloquear os estímulos externos que lhe parecem avassaladores. O autismo é uma anomalia da infância que isola a criança de relações interpessoais. Ela deixa de explorar o mundo à sua volta, permanecendo em vez disso em seu universo interior.” (GRANDIN; SCARIANO, 1999, p. 18).

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que algumas pessoas com TEA podem apresentar diferenças na forma de perceber e processar estímulos sensoriais, o que pode influenciar sua comunicação, interação social e participação em determinados ambientes. Entretanto, é importante considerar que o espectro autista é amplo e heterogêneo, de modo que essas características não se manifestam da mesma maneira em todas as pessoas. Portanto, as dificuldades relacionadas à comunicação e à socialização podem fazer com que a criança encontre obstáculos para estabelecer relações com outras pessoas, especialmente em situações novas ou em ambientes com muitos estímulos. Por essa razão, é importante que família e escola atuem de maneira conjunta,

ISSN: 2358-8829

criando condições para que a criança desenvolva suas habilidades comunicativas e sociais de acordo com suas possibilidades.

Nos dias atuais, o sistema educacional passa por constantes transformações, buscando atender à diversidade presente no ambiente escolar e garantir o direito de todos os estudantes à educação. Nesse contexto, a inclusão de alunos com TEA exige práticas pedagógicas que considerem suas necessidades individuais e promovam sua participação no processo de ensino e aprendizagem. Assim, o professor deve atuar como mediador do processo educativo, criando situações de aprendizagem significativas e proporcionando experiências que contribuam para o desenvolvimento cognitivo, social, comunicativo e emocional do educando. Mais do que transmitir conhecimentos, o educador precisa favorecer um ambiente de acolhimento, respeito e participação, no qual a criança com TEA possa desenvolver suas potencialidades e sentir-se pertencente ao espaço escolar.

Portanto, a inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista depende da participação conjunta da família, da escola e da sociedade. A construção de um ambiente inclusivo requer respeito às diferenças, valorização das potencialidades individuais e adoção de estratégias que favoreçam a comunicação, a interação e a aprendizagem. Dessa maneira, o trabalho pedagógico pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da autonomia e da participação social da criança com TEA, garantindo-lhe não apenas o acesso à escola, mas também condições efetivas para aprender, interagir e desenvolver-se. Segundo Monteiro e Ribeiro (2018), os estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) possuem potencial para desenvolver diferentes habilidades ao longo de sua trajetória escolar, social e profissional. De acordo com os autores:

> "Os estudantes com TEA podem alcançar elevado nível de aprendizagem, ter uma profissão, dependendo quase exclusivamente das condições pessoais, da qualidade dos estímulos recebidos no meio familiar e social e ainda dos investimentos pedagógicos, de uma educação estimuladora de qualidade e do quanto se acredita que ele é capaz." (MONTEIRO; RIBEIRO, 2018, p. 34).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o desenvolvimento da pessoa com TEA não deve ser limitado às suas dificuldades ou características específicas. É fundamental reconhecer suas potencialidades e oferecer oportunidades para que possa desenvolver autonomia, habilidades acadêmicas, sociais e profissionais. Nesse processo, a família possui papel essencial, especialmente por meio do incentivo, do acolhimento e da valorização das capacidades da criança. Da mesma forma, a escola deve atuar em parceria com a família, proporcionando experiências que favoreçam a interação, a comunicação, a aprendizagem e a participação social.

ISSN: 2358-8829

Nesse sentido, a criança com TEA não deve ser excluída ou isolada das experiências de convivência. Pelo contrário, é necessário criar condições para que participe das atividades familiares e escolares, respeitando suas características individuais e seu ritmo de desenvolvimento. A interação entre família e escola torna-se, portanto, fundamental para a construção de práticas inclusivas que contribuam para que a criança se sinta acolhida, respeitada e pertencente aos diferentes espaços sociais. Pois, a escola possui papel fundamental no processo de inclusão e deve estar preparada para receber estudantes com diferentes necessidades educacionais. A inclusão escolar não se limita à matrícula do aluno na instituição de ensino, mas envolve a garantia de sua participação, aprendizagem, convivência e desenvolvimento. Para isso, é necessário que toda a comunidade escolar esteja preparada para compreender e atender à diversidade presente no ambiente educacional.

Segundo Oliveira (2020), o estudante com autismo pode encontrar uma série de dificuldades ao ingressar na escola regular. Essas dificuldades podem estar relacionadas à comunicação, à interação social, à adaptação à rotina escolar e à maneira como o estudante percebe e responde aos estímulos presentes no ambiente. Dessa forma, tais desafios não devem ser compreendidos como responsabilidade exclusiva do aluno, mas como aspectos que exigem da escola a construção de estratégias pedagógicas e práticas inclusivas adequadas.

Nesse contexto, torna-se fundamental o preparo dos profissionais da educação, o acolhimento do estudante e a participação da família em seu processo de desenvolvimento escolar. A atuação conjunta entre escola e família pode favorecer a compreensão das necessidades individuais do aluno e contribuir para a construção de estratégias que possibilitem sua participação efetiva nas atividades escolares.

A escola exerce um papel significativo no desenvolvimento das crianças, uma vez que constitui um dos principais espaços de convivência social, aprendizagem e construção de relações. É nesse ambiente que os estudantes têm a oportunidade de estabelecer vínculos com outras crianças e adultos, desenvolver habilidades sociais, expressar sentimentos e participar de diferentes experiências coletivas. Para o estudante com TEA, essas experiências podem representar importantes oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento, desde que sejam oferecidas de maneira acolhedora, estruturada e respeitosa. Nesse sentido, Andrade, Rebouças e Oliveira (2021) destacam:

> “Para que uma escola possua inclusão, a mesma deve se permitir ser desafiada num sentido de mutação em prol de condições igualitárias, mas, além disso, deve refletir sobre a abrangência que isso acarreta, pois há diversas necessidades e/ou deficiências cognitivas

ISSN: 2358-8829

> que possuem comportamentos e tendências diferentes." (ANDRADE; REBOUÇAS; OLIVEIRA, 2021, p. 266).

A partir dessa concepção, entende-se que uma escola verdadeiramente inclusiva precisa estar aberta às mudanças e às diferentes formas de aprender e de participar. A inclusão exige uma postura institucional que reconheça as diferenças entre os estudantes e busque alternativas pedagógicas capazes de atender às necessidades individuais. Dessa maneira, a diversidade deixa de ser compreendida como um obstáculo e passa a ser reconhecida como parte constitutiva do processo educativo. Quando a inclusão ocorre de maneira efetiva, o estudante pode desenvolver maior sentimento de pertencimento ao ambiente escolar, estabelecer vínculos com professores e colegas e participar de forma mais significativa das experiências de aprendizagem. Por essa razão, é necessário que a escola desenvolva práticas que promovam não apenas o acesso, mas também a permanência, a participação e a aprendizagem de todos os estudantes.

A inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas no ensino regular está respaldada pela legislação brasileira. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/1996, estabelece, em seu Capítulo V, as disposições referentes à Educação Especial. O artigo 58 determina: "Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação." (BRASIL, 1996, art. 58).

A legislação também prevê a oferta de serviços de apoio especializado, quando necessário, para atender às especificidades dos estudantes. Dessa forma, a Educação Especial deve ser compreendida como uma modalidade que perpassa os diferentes níveis e etapas da educação, contribuindo para a garantia do direito à educação e para a construção de condições adequadas de aprendizagem. Nessa perspectiva, a inclusão do estudante com TEA na escola regular constitui um direito e requer o compromisso de toda a comunidade escolar. A escola comum torna-se efetivamente inclusiva quando reconhece e valoriza as diferenças, compreendendo que cada estudante apresenta características, necessidades, potencialidades e formas próprias de aprender. Assim, torna-se necessária a adoção de estratégias e práticas pedagógicas compatíveis com a realidade de cada aluno. Para que esse processo ocorra de maneira adequada, é importante que os profissionais da educação tenham conhecimentos sobre o TEA e compreendam suas diferentes manifestações. O professor, em especial, precisa conhecer as características e necessidades educacionais do estudante para planejar e adaptar suas práticas pedagógicas, considerando seus conhecimentos prévios, suas habilidades, seus interesses e seu ritmo de aprendizagem.

ISSN: 2358-8829

De acordo com documento do Ministério da Educação (MEC), entre as características associadas ao autismo encontram-se:

> "Prejuízo no desenvolvimento da interação social e da comunicação. Pode haver atraso ou ausência do desenvolvimento da linguagem. Naqueles que a possuem, pode haver uso estereotipado e repetitivo ou uma linguagem peculiar. Repertório restrito de interesses e atividades. Interesse por rotinas e rituais não funcionais." (BRASIL, 2010, p. 13).

Essas características podem influenciar a maneira como o estudante se comunica, estabelece relações sociais e participa das atividades escolares. Entretanto, é importante destacar que o TEA apresenta diferentes níveis de manifestação e que cada indivíduo possui características próprias. Por isso, o professor não deve utilizar um único modelo de intervenção para todos os estudantes autistas, mas buscar compreender as necessidades específicas de cada criança. Porém, as dificuldades relacionadas à comunicação podem envolver tanto aspectos verbais quanto não verbais, interferindo, em alguns casos, na interação do estudante com seus colegas e professores. Diante disso, cabe ao professor buscar estratégias que ampliem as possibilidades de comunicação e participação, utilizando recursos visuais, atividades estruturadas, instruções claras, rotinas previsíveis e outras estratégias que sejam adequadas às necessidades do aluno. Portanto, a inclusão da criança com TEA na sala de aula regular exige preparação, conhecimento, planejamento e, principalmente, uma postura de respeito às diferenças. Os desafios encontrados no processo de inclusão não devem ser utilizados como justificativa para a exclusão, mas como oportunidades para a escola repensar suas práticas e construir novas possibilidades de ensino.

Nesse sentido, a inclusão escolar representa um processo contínuo de transformação, no qual professores, gestores, familiares e demais profissionais precisam trabalhar de forma colaborativa para garantir que o estudante com TEA tenha acesso às mesmas oportunidades educacionais, considerando suas particularidades. Valorizar a diferença significa compreender que todos os estudantes podem aprender, embora possam necessitar de diferentes estratégias, recursos e formas de acompanhamento.

Assim, a presença da criança com TEA na rede regular de ensino contribui não apenas para seu próprio desenvolvimento, mas também para a construção de uma escola mais democrática e acolhedora. Uma educação verdadeiramente inclusiva é aquela que reconhece a diversidade como parte da sociedade e busca garantir a todos os estudantes o direito de aprender, conviver, participar e desenvolver suas potencialidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

A análise dos estudos e documentos utilizados nesta pesquisa evidencia que a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na sala de aula regular depende de uma série de fatores relacionados à formação dos profissionais, à participação da família, à organização do ambiente escolar, às estratégias pedagógicas e às adaptações curriculares. Os estudos analisados demonstram que a inclusão não pode ser compreendida apenas como a inserção física do estudante na escola, mas como um processo que envolve sua participação efetiva nas atividades, nas relações sociais e no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, destaca-se o papel do professor como um dos principais mediadores do processo de inclusão. Conforme os princípios apresentados pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2010), é necessário que o professor reconheça as potencialidades e as dificuldades de cada estudante, desenvolva estratégias de ensino que respondam às suas necessidades, adapte a forma de apresentação dos conteúdos e acredite na capacidade de aprendizagem de todos os alunos. Esses aspectos demonstram que o trabalho pedagógico precisa partir das características individuais do estudante, evitando práticas padronizadas que desconsiderem suas especificidades.

Os resultados da análise bibliográfica apontam, portanto, que o professor precisa assumir uma postura flexível diante da diversidade existente em sala de aula. No caso do estudante com TEA, essa flexibilidade pode envolver a utilização de recursos visuais, atividades estruturadas, materiais concretos, jogos, brincadeiras, rotinas organizadas e diferentes formas de comunicação. Tais estratégias podem contribuir para tornar o processo de aprendizagem mais acessível e significativo. Outro aspecto identificado nos estudos refere-se à necessidade de compreender que cada pessoa com TEA apresenta características próprias. Embora algumas crianças possam apresentar dificuldades relacionadas à comunicação, à interação social, à linguagem e à adaptação às mudanças de rotina, essas manifestações não ocorrem da mesma maneira em todos os estudantes. Dessa forma, o professor precisa conhecer o aluno individualmente, observando suas habilidades, interesses, necessidades e formas de aprendizagem para planejar intervenções pedagógicas adequadas.

No processo de alfabetização, essa compreensão torna-se ainda mais relevante. Miranda, Silva et al. (2018) destacam que o processo alfabetizador da criança com TEA pode apresentar desafios relacionados às dificuldades de comunicação e interação social. Entretanto, essas dificuldades não significam incapacidade de aprender. Ao contrário, indicam a necessidade de utilização de estratégias pedagógicas diferenciadas que possibilitem ao estudante acessar o conhecimento. Entre as estratégias que podem favorecer no processo de alfabetização, destacam-se

ISSN: 2358-8829

assim, o uso de alfabeto móvel, alfabetos ilustrados, associação entre letras e imagens, atividades de pareamento, recursos visuais e materiais concretos. Esses recursos podem contribuir para despertar o interesse do aluno e facilitar a compreensão dos conteúdos. A utilização de elementos que façam parte dos interesses da criança também pode aumentar seu envolvimento nas atividades e favorecer sua participação. Nesse sentido, os jogos e as brincadeiras aparecem na literatura como recursos importantes para o desenvolvimento da criança com TEA. Silva e Oliveira et al. (2019) apontam que as atividades lúdicas possibilitam diferentes formas de expressão, inclusive para crianças que apresentam dificuldades de comunicação e de demonstração de sentimentos. Por meio do brincar, a criança pode experimentar situações de interação, desenvolver habilidades sociais, aprender regras, ampliar a atenção e estabelecer relações com outras pessoas.

Portanto, a inclusão efetiva requer que o currículo seja compreendido de maneira flexível, permitindo alterações e adequações que favoreçam o acesso de todos os estudantes ao conhecimento. Aranha (2003) destaca que, na perspectiva inclusiva, não é o aluno que deve simplesmente se adaptar às condições de ensino, mas a equipe escolar deve promover as mudanças necessárias para possibilitar seu acesso ao currículo. Essa concepção representa uma mudança significativa na maneira de compreender a inclusão. Ao invés de atribuir exclusivamente ao estudante a responsabilidade por suas dificuldades, a escola deve analisar quais barreiras estão presentes no processo de ensino e buscar formas de eliminá-las ou reduzi-las. Assim, a adaptação curricular deve estar relacionada às condições necessárias para que o aluno possa aprender, participar e desenvolver suas potencialidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões apresentadas ao longo deste trabalho, compreende-se que a inclusão e o processo de ensino e aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) constituem desafios que exigem dos profissionais da educação conhecimento, planejamento, dedicação e, principalmente, uma postura acolhedora e inclusiva. Trabalhar com estudantes com TEA pode apresentar diferentes desafios, porém, com profissionais preparados e dispostos a conhecer as particularidades de cada aluno, é possível desenvolver práticas pedagógicas que favoreçam sua aprendizagem, autonomia e participação no ambiente escolar.

Ao longo desta pesquisa, foi possível compreender o conceito de autismo, suas principais características e algumas das dificuldades que podem estar relacionadas à comunicação, à interação social e ao processo de aprendizagem. Também foi discutida a importância da inclusão do estudante

ISSN: 2358-8829

com TEA na sala de aula regular, destacando que a inclusão não se resume à presença física do aluno na escola, mas envolve sua participação efetiva nas atividades, nas relações sociais e no processo de construção do conhecimento.

Nesse contexto, o professor exerce papel fundamental, pois atua como mediador do processo de aprendizagem e precisa buscar estratégias que estejam de acordo com as necessidades e potencialidades de cada estudante. O planejamento pedagógico deve ser flexível e considerar o ritmo, os interesses, as habilidades e as formas de comunicação da criança. Dessa maneira, o professor pode proporcionar experiências de aprendizagem mais significativas e acessíveis.

A pesquisa também evidenciou a importância da utilização de diferentes recursos e estratégias pedagógicas no trabalho com alunos com TEA. Entre essas possibilidades, destacam-se os jogos, as brincadeiras, as atividades lúdicas, os materiais concretos, os recursos visuais, o alfabeto móvel e as atividades estruturadas. Quando planejados com objetivos pedagógicos definidos e adaptados às necessidades do estudante, esses recursos podem favorecer a atenção, a comunicação, a interação social, a autonomia e a aprendizagem. Outro aspecto fundamental identificado foi a necessidade da parceria entre família e escola. O trabalho conjunto entre esses dois espaços possibilita maior compreensão das características e necessidades do estudante, contribuindo para a elaboração de estratégias que favoreçam seu desenvolvimento. A inclusão, portanto, não é responsabilidade exclusiva do professor, mas um compromisso que deve envolver toda a comunidade escolar, a família e os demais profissionais que acompanham a criança.

Nesse sentido, alfabetizar uma criança com TEA significa reconhecer que existem diferentes formas e ritmos de aprendizagem. O professor deve respeitar o tempo e as particularidades de cada estudante, sem deixar de estabelecer objetivos educacionais que contribuam para o desenvolvimento de suas habilidades. A valorização das potencialidades do aluno é essencial para que ele possa construir conhecimentos, desenvolver sua autonomia e participar de maneira cada vez mais significativa da vida escolar e social.

Dessa forma, esta pesquisa bibliográfica permitiu compreender que a educação inclusiva exige mudanças nas práticas pedagógicas e na maneira como a escola compreende as diferenças. Não basta garantir o acesso do estudante com TEA à sala de aula regular; é necessário oferecer condições para que ele aprenda, participe, interaja e se desenvolva. Para isso, as adaptações curriculares, os recursos pedagógicos diversificados e a formação dos profissionais da educação tornam-se elementos importantes para a efetivação da inclusão.

ISSN: 2358-8829

Conclui-se, então, que o trabalho pedagógico desenvolvido com estudantes com TEA deve estar fundamentado no respeito às diferenças, na valorização das potencialidades e na busca por estratégias que favoreçam sua aprendizagem e participação. A formação inicial e continuada dos professores apresenta-se como um importante caminho para ampliar o conhecimento sobre o autismo e proporcionar maior segurança na elaboração de práticas inclusivas.

Assim, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a formação de futuros professores e para aqueles que já atuam na educação, incentivando-os a refletir sobre suas práticas e a buscar novas possibilidades de ensino. Mais do que apresentar estratégias pedagógicas, este estudo reforça a importância de acreditar nas potencialidades de cada estudante e compreender que todos têm direito a uma educação de qualidade, inclusiva e respeitosa. Pois, a inclusão da criança com TEA na escola regular deve ser compreendida como um processo contínuo, que requer compromisso, conhecimento, sensibilidade e colaboração. Quando a escola se dispõe a transformar suas práticas e passa a reconhecer a diversidade como parte da realidade educacional, contribui para a construção de um espaço no qual todos os alunos possam aprender, conviver, participar e desenvolver suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, REBOUÇAS E OLIVEIRA. A inclusão de alunos com TEA no ensino comum: relatos de experiencias de AEE numa escola pública. 2021 p, 266

ARANHA, M.S.F. Referenciais para construção de sistemas educacionais inclusivos – a fundamentação filosófica – a história – a formalização. Versão preliminar. Brasília: MEC/SEESP, nov. 2003.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) Introdução. Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF/2000; BRASIL. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Básica. Brasília: MEC, 2002.

_____. Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Parâmetros curriculares nacionais - Adaptações Curriculares: Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental, 1998.

DE MELO MIRANDA, Beatriz et al. Desafios no processo de ensino/aprendizagem na alfabetização de uma criança com TEA, 2018.

DE OLIVEIRA. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista (2020).

ISSN: 2358-8829

GRANDIN, Temple; SCARIANO, Margaret M. Uma menina estranha: autobiografia de uma autista. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

MONTEIRO, E. D; RIBEIRO, D. R. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista sala de aula, 2018.

M294 Manual diagnóstico e estatístico de transtorno 5 DSM-5 / [American Psychiatnc Association, traduç . Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli... [et al.]. - . e . Porto Alegre: Artmed, 2015.

OLIVEIRA, S.; SILVA et al. O lúdico dos jogos e das brincadeiras no ensino inclusivo de crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão de literatura (2019)

RASMUSSEN, V.R; SILVA, D. S.; NEIX, M.T. O ensino e a atividade estruturada para a aprendizagem de pessoas com transtorno do espectro autista (2021).

SANTOS, E. C. dos.; CAIXETA, J. E.Autismo: mediações em tempo de inclusão. Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. Maringá, 2011

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2011.